

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Filosofia

Leon Farhi Neto

BIOPOLÍTICA
EM FOUCAULT

Florianópolis

2007

Resumo

Atualmente, o termo 'biopolítica' é empregado por inúmeros autores, e não apenas no domínio da filosofia política. Essa difusão, como era de se esperar, terminou por diluir, quando não alterou completamente, o uso que o filósofo Michel Foucault fez do termo, nos anos 1970. Por esse motivo, pareceu-nos interessante fixar, nesta dissertação, o significado ou significados originalmente atribuídos ao termo 'biopolítica', por Foucault, em seus livros, artigos e entrevistas. A pesquisa identificou cinco formulações, relativas a cinco mecanismos de poder distintos: o poder medical, o dispositivo de raça, o dispositivo de sexualidade, o dispositivo de segurança e a governamentalidade neoliberal. Nesta dissertação, reserva-se um capítulo para a análise de cada um destes mecanismos. Na conclusão, busca-se responder à questão a respeito das diferenças e das identidades entre essas cinco acepções de 'biopolítica'.

ABSTRACT

As employed by countless authors, the term 'biopolitics', in present days, does not remain the domain of political philosophy. The abrangence of the term today dilutes its original usage by Michel Foucault in the 1970s. For this reason, it seemed interesting to map the meaning (or significations) originally attributed to the term 'biopolitics' by Foucault in his books, articles and interviews. This research has identified five formulations, related to five distinct power mechanisms: medical, race, sexuality, security and neoliberalism. Each chapter analyses one of these mechanisms separately. The conclusion, tries to address the differences between the five identified meanings of 'biopolitics'.

Abreviaturas bibliográficas

Lista de abreviaturas utilizadas para referenciar os livros de Michel Foucault; nas notas de pé de página, depois da abreviatura, é indicada a página do texto referenciado.

MTC: Les mots et les choses. [1966]

LPP: Le pouvoir psychiatrique: Cours au Collège de France, 1973-1974.

SEP: Surveiller et punir: naissance de la prison. [1975]

ANO: Les anormaux: Cours au Collège de France, 1974-1975.

IDS: Il faut défendre la société: Cours au Collège de France, 1975-1976.

VSR: Histoire de la sexualité I: La volonté de savoir. [1976]

STP: Sécurité, territoire, population: Cours au Collège de France, 1977-1978.

NBQ: Naissance de la biopolitique: Cours au Collège de France, 1978-1979.

UDP: História da sexualidade II: L'usage des plaisirs. [1984]

DE1: Dits et écrits. Vol. I. 1954-1975.

DE2: Dits et écrits. Vol. II. 1976-1988.

Entre colchetes, aparecem as datas de publicação.

Introdução

O termo ‘biopolítica’ (*biopolitique*), utilizado para designar *algum* tipo de prática política, interessa à reflexão contemporânea. Ele é empregado por inúmeros autores da filosofia, das ciências políticas, da sociologia, da economia, da medicina, da psicanálise, muitos dos quais afirmam ser, em certa medida, seguidores da obra de Foucault. Ele intriga as centenas de milhares de leitores de Foucault, das mais variadas áreas de atividade, no mundo inteiro, e desencadeia incontáveis comentários. Na seqüência e desenrolar de sua recepção, o termo ‘biopolítica’ foi associado a um leque de significados, às vezes opostos entre si. Tem sido empregado, em grandes linhas, para qualificar as metafísicas dos genocídios, para caracterizar as políticas de exclusão de grandes parcelas das populações, para designar as forças que formatam nossos corpos, para rotular os modos alternativos de subjetivação de feministas, de homossexuais, de multidões nas academias de ginástica, de presidiários, como a face oculta e denunciada do Estado de direito, como a essência totalitária de toda forma de soberania, como a visão de mundo ocidental que sacraliza a vida individual, como a política de salvaguarda da dignidade da vida, como o movimento de resistência dos corpos aos processos de sua sujeição. A freqüência e a difusão do uso do termo, como era de se esperar, terminou por diluir, pelo menos em parte, quando não alterou completamente, o uso original que Foucault fez do termo. Entretanto, isso, de modo algum, representaria, para o próprio Foucault, um abuso. Foucault escreveu sua obra como se produz uma ferramenta, justamente para ser manipulada, na construção de algo outro, que caminhasse para além dela. Seu compromisso não era propriamente com a verdade, seja ela absoluta ou relativa, não importa, mas com os efeitos de verdade, muitas vezes políticos, que as ferramentas, por ele forjadas, pudessem induzir. Diante dessa oferta, dessa instrumentalidade, dessa abertura para o novo, o projeto desta dissertação é conservador. Mas, é preciso deixar claro, para não frustrar expectativas, não faremos aqui, o que seria um caminho possível e intrigante, a

listagem, a reconstituição, a comparação, o inquérito dos usos posteriores, próprios e impróprios, apontando aqui e ali, os erros, os desvios, as transgressões, as incompatibilidades. Preferimos dedicar nossos esforços à reconstrução, a mais fiel possível, das formulações que Foucault fez da noção de biopolítica, em suas palestras, entrevistas, artigos, livros e cursos, sem recorrer explicitamente às inúmeras interpretações feitas por comentadores.

A produção de Foucault a respeito da biopolítica concentrou-se em uns poucos anos – entre 1974 e 1979¹. Apesar disso, essa concentração e proximidade não diminuíram as ambigüidades dessa produção. Nossa primeira leitura desses diversos textos e falas pressentiu algumas diferenças relevantes entre as diversas formulações. Elas não nos pareceram, à primeira vista, totalmente congruentes e articuláveis, umas com as outras, nem tampouco, absolutamente estranhas entre si. Resolvemos, então, como projeto de dissertação, marcar, traçar e enfatizar os contornos dessas formulações, tanto para mostrar o uso próprio que Foucault fez do termo, como para relevar, no interior desse uso – digamos – autêntico, variações muito importantes².

Ao final da pesquisa, identificamos não mais nem menos do que cinco formulações, cada uma remetendo a um confronto da política com algum outro domínio, aparentemente, exterior a ela – saúde, guerra, sexualidade, segurança ou economia. Cada um desses cinco confrontos, analisados por Foucault, é abordado em um capítulo à parte desta dissertação. (1) Assim, no primeiro capítulo, em que a biopolítica aparece relacionada ao poder medical, reconstituímos as interferências entre Estado e medicina, a partir do século XVII, na Europa. (2) No segundo capítulo, são analisadas algumas modalidades pelas quais foram pensadas, desde o século XVI, as correlações entre política e guerra e a precedência possível de uma relativamente à outra. A biopolítica se caracteriza, nessa formulação, pela articulação do discurso e da

¹ Não tivemos acesso às lições inéditas de 1980, proferidas por Michel Foucault, no *Collège de France*, e intituladas *Du gouvernement des vivants*. Porém, se nos atermos ao resumo do curso, disponível em DE2, essas lições, apesar do que sugere o título, não tratam do tema da biopolítica.

² Vale frisar, Foucault não foi o primeiro autor a utilizar o termo. Esposito assinala três correntes distintas, “sucessivas no tempo” e predecessoras de Foucault, nas quais o termo ‘biopolítica’ exerceu um papel central. A primeira, anterior à Segunda Guerra, corresponde à concepção organicista do Estado, como um só corpo e espírito, cuja vitalidade varia segundo pulsões naturais, traços culturais e raciais específicos, em oposição à concepção jurídica do Estado constitucional. A segunda, nos anos 1960, segue uma investigação antropológica, acerca da natureza humana, e busca relacionar a civilização e a política com o desdobramento de leis biológicas elementares, destacando entretanto o papel emancipador das forças espirituais. A terceira teve início nos anos 1970, tratava-se de uma abordagem naturalística da política, segunda a qual a ordem política deve regular-se pelas condições naturais do homem e da sociedade, e não esforçar-se em superá-las. Cf. ESPOSITO, Roberto. **Bíos: Biopolítica e filosofia**. Torino: Einaudi, 2004. Pp. 6-14.

prática da guerra com a noção de raça biológica. (3) As conexões entre política e sexualidade são abordadas no terceiro capítulo, em que a biopolítica se apresenta como dispositivo de sexualidade. A formação do complexo prático-discursivo da sexualidade – e não simplesmente o da repressão sexual – aparece intrinsecamente vinculada aos interesses políticos da burguesia. (4) No quarto capítulo, é discutida a questão da garantia, assumida pelo Estado, da segurança da população. A biopolítica aparece como dispositivo de segurança, resultante da absorção, pelo Estado, de certas práticas do poder pastoral. (5) Finalmente, o último capítulo aborda a reflexão liberal e neoliberal sobre a possibilidade do governo pela economia, da intervenção do Estado na sociedade civil e do governo da população mediante a manipulação das variáveis do mercado. No quinto capítulo, buscamos defender, a partir de Foucault, a pertinência da aplicação do termo ‘biopolítica’ às técnicas neoliberais de governo.

Com a reconstituição e a análise dessas correlações, estabelecidas por Foucault, entre política e saúde, política e guerra, política e sexualidade, política e segurança, política e economia, que estão na base de cada formulação, nos encontramos diante do seguinte problema: as cinco formulações da biopolítica, afinal de contas, são somente abordagens distintas de um mesmo objeto, ou elas são, representam, designam, coisas diferentes? Quando falamos de biopolítica em Foucault, falamos de cinco fenômenos alheios entre si, ou haveria entre eles algum tipo de parentesco? E, se for o caso, qual seria esse parentesco? De que maneira poderíamos reunir as diferentes formulações como elementos de um mesmo conjunto?

É certo, há inúmeros critérios para estabelecer a pertença de elementos individualizados a um conjunto, desde a pura arbitrariedade até a suposição, por parte do colecionador, de uma identidade absoluta entre esses elementos. Entre um extremo e outro, restam uma miríade de arranjos possíveis, combinando uma dose de idiosincrasia do colecionador com uma dose de familiaridade dos elementos. Nosso objetivo, então, é duplo: estabelecer as diferenças entre as cinco formulações, e isolar o seu eventual critério de conjunção. De certo modo, nos colocamos, diante dos textos de Foucault, com uma pergunta cuja forma se assemelha àquela que Sócrates fez a Protágoras:

“Sócrates: – [...] Explica-me isso agora com mais particularidades, se a virtude é, de fato, algo completo, vindo a ser partes dela a justiça, a temperança e a santidade [e a coragem e a sabedoria], ou se essas

[cinco] qualidades, como disse há pouco, são apenas nomes diferentes de uma única unidade. É só isso que desejo saber.

Protágoras: – A essa pergunta é muito fácil responder. A virtude é um todo, e as qualidades a que te referiste são partes desse todo.

Sócrates: – Da mesma forma em que as partes do rosto são partes: a boca, o nariz, os olhos, as orelhas, ou como as partes do ouro, que não diferem umas das outras e do conjunto a não ser pela grandeza e pequenez?”³

Dispomos de cinco formulações, em princípio, como de cinco partes da biopolítica. Mas são essas cinco partes realmente distintas entre si, mesmo permanecendo complementares e indissociáveis ou, pelo contrário, são apenas formulações diferentes da mesma coisa, cinco aspectos da mesma substância?

No contorno e na descrição dos confrontos da política com cinco outros domínios, tal qual aparecem em Foucault, adotamos uma abordagem genética, isto é, ao longo dos cinco capítulos que compõem esta dissertação, perseguiremos as formulações feitas por Foucault segundo a série de sua emergência, na disposição cronológica dos textos. Apesar de convencional, essa metodologia apresenta algumas vantagens. Permite ilustrar a expansão da noção de biopolítica, a partir de uma aplicação quase local, o poder medical, para domínios cada vez mais abrangentes: a segurança, a economia. Permite acompanhar, no desdobramento do pensamento de Foucault, o local de emergência e o deslizamento dos significados de diversas noções importantes, como: biopoder, dispositivo, governamentalidade. Paralelamente, mas de modo vinculado ao processo de elaboração das diferentes formulações e ao deslizamento correspondente da noção de biopolítica, a abordagem genética nos possibilita observar alguns deslocamentos importantes no pensamento de Foucault a respeito do poder, principalmente: a mudança de enfoque dos micro para os macropoderes; a variação de perspectiva do nível das instituições para o nível do Estado; o reforço da abordagem nominalista; a importante passagem da compreensão da relação de poder como relação de força para a compreensão da relação de poder como relação de governo. Veremos, no *depois* das conclusões desta dissertação, como essa última passagem é fundamental para articular a biopolítica, ou sua superação, à possibilidade da ética enquanto auto-produção de subjetividade.

³ PLATÃO. *Protágoras*, 329e. Cf. também 349b. **Protágoras - Górgias – Fedão**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 2 ed. Belém: Edufpa, 2002 [1973].